

***MALINCHE*, DE LAURA ESQUIVEL: UMA DISCUSSÃO SOBRE O ROMANCE E O NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO**

Karine da Rocha Oliveira*
Priscila Lopes de Araújo**

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar o novo romance histórico *Malinche* (2006), da escritora mexicana Laura Esquivel. O romance em questão narra a história de Malinalli, mulher nahua, escravizada por maias e espanhóis. Conhecida como “a língua de Cortés”, Malinalli é considerada historicamente a traidora dos povos indígenas. A narrativa de Laura Esquivel dá voz a esta personagem, propondo fazer uma revisão deste título. Por meio das considerações teóricas de Fernando Aínsa, propõe-se uma reflexão sobre o novo romance histórico e o silenciamento de personagens históricos importantes, como é o caso de Malinche, tendo como resultado final do artigo a desmistificação dos fatos históricos apresentados por uma historiografia conservadora. O artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica e exploratória, tendo o método indutivo utilizado para evidenciar os objetivos destacados.

Palavras-chave: Malinche. América Latina. Novo romance histórico. Gênero.

* Karine da Rocha Oliveira, professora adjunta no departamento de Letras-Espanhol na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) mestre e doutora pela mesma instituição, coordenadora do Núcleo de Pesquisa Mulher, Literatura e Sociedade (UFPE), membro do grupo de pesquisa Christine de Pizan (UFPB / UNB) e do GT da ANPOLL A Mulher na Literatura, no qual também compõe o Conselho Consultivo. E-mail: karine.oliveira@ufpe.br.

** Priscila Lopes de Araújo, mestranda em Teoria da Literatura na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e formada em Letras-Espanhol pela mesma instituição. E Mail- priscila.lopesa@ufpe.br.

MALINCHE, DE LAURA ESQUIVEL: UNA DISCUSIÓN SOBRE LA NOVELA Y LA NUEVA NOVELA LATINOAMERICANA

Resumen: El objetivo de este estudio es analizar la nueva novela histórica *Malinche* (2006), de la escritora mexicana Laura Esquivel. La novela en cuestión narra la historia de Malinalli, mujer nahua, esclavizada por los mayas y españoles. Conocida como “la lengua de Cortés”, Malinalli es considerada, históricamente la traidora de los pueblos indígenas. La narrativa de Laura Esquivel da voz a este personaje, haciendo una revisión de este título que le fue dado. A través de las consideraciones teóricas de Fernando Aínsa, fue hecha una reflexión sobre la nueva novela histórica y el silenciamiento de personajes históricos importantes, como es el caso de la Malinche, teniendo como resultado final la desmitificación de hechos históricos presentados por una historiografía conservadora. El artículo consiste en una investigación bibliográfica y exploratoria, teniendo el método inductivo utilizado para evidenciar los objetivos destacados.

Palabras clave: Malinche. Latinoamérica. Nueva novela histórica. Género.

Introdução

Malinche foi publicado em 2006, aclamada pela crítica por reescrever a história de Malinalli ou Marina, de etnia indígena Nahua, escravizada pelos maias e espanhóis, personagem emblemática da conquista espanhola, considerada por muitos uma traidora de seu povo e como a “Língua” de Cortes. Traduzido para mais de um idioma, foi escrito por Laura Esquivel, escritora mexicana do gênero realismo mágico, uma das mais populares de sua geração, conhecida por seus romances e criações teatrais. Esquivel nasceu em 30 de setembro de 1950, na Cidade do México, capital do país. Estudou teatro e criação no centro de artes dramáticas, com ênfase em teatro infantil. A autora iniciou seu trabalho como roteirista na década de 1980, ganhando reconhecimento internacional após a publicação do romance *Como agua para chocolate* (1989), que foi transformado em filme em 1992 e traduzido para mais de trinta idiomas. Atualmente,

Laura é deputada pelo partido Movimento Nacional de Regeneração. A obra é um novo romance histórico, subgênero literário conhecido na América Latina a partir do século XX, tendo como precursor Fernando Aínsa, escritor e crítico literário.

No entanto, muitos a consideram um romance histórico, gênero literário que propõe a narração de eventos históricos de forma fictícia, apresentando personagens importantes para a história, a fim de reproduzir eventos documentados. Segundo Lukács, a preocupação dessas obras se baseia unicamente na curiosidade e excentricidade do ambiente (LUKÁCS, 1954, p. 33), ou seja, não se preocupam em retratar fatos históricos e verdades factuais estabelecidas como características desse gênero, mas aproximando-se do que, como diz o autor, um “retrato artístico fiel de um determinado período histórico”. Ao relatar eventos de povos indígenas em alguns romances históricos, distorce-se o que se considera “verdade histórica”, como já mencionado, esse gênero não surge de uma perspectiva decolonial, ou seja, não se trata de registrar eventos documentais alheios aos povos indígenas, pois possui um caráter historiográfico mais regressivo, como já foi dito, apontado por Aínsa (1997) como uma historiografia conservadora. Os tópicos a seguir pretendem discorrer sobre as características desse gênero e subgênero literário à luz das teorias de seus precursores, tratando também, mais adiante, sobre questões de gênero e observações importantes observadas na obra.

O romance e o novo romance histórico: conceitos e discussões

O romance histórico é um gênero literário que visa narrar eventos históricos de forma fictícia, trazendo alguns personagens considerados importantes para a história, a fim de recriar eventos documentais. De acordo com Lukács (1954, p.33), sua manifestação ocorreu por volta do século XIV, aproximadamente após a queda de Napoleão,

tendo Walter Scott publicado sua obra *Ivanhoe* em 1814, sendo considerado o precursor desse tipo. O autor diz que provavelmente haveria outros romances com a mesma temática, modificados mitos antigos que tivessem alguma semelhança, mas não obtivessem fragmentos que pudessem trazer as características do romance histórico:

Os chamados romances históricos do século XVII (Scudéry, Calprenède, etc.) são históricos apenas por causa de seu tema puramente externo, por causa de sua vestimenta. A partir da psicologia dos personagens, compartilho também os hábitos profundamente retratados da época do escritor. (Tradução nossa) (LUKÁCS, 1954, p. 33).

O escritor relata que a preocupação dessas obras se baseia unicamente na curiosidade e na excentricidade do meio (LUKÁCS, 1954, p.33), ou seja, não se preocupam em retratar fatos históricos e verdades factuais estabelecidas como características desse gênero, sem abordar o que diz o autor, um “retrato artístico fiel de um determinado período histórico”. Esse gênero literário tem como fatos documentais a maioria de suas narrativas baseadas em eventos ocorridos no continente europeu, com histórias centradas no que seus próprios autores tinham como “verdade absoluta” ou “verdade fictícia”, estritamente falando, a historiografia conservadora, que apresenta uma perspectiva histórica, sendo a do europeu branco, não se preocupando em desmistificar os acontecimentos a partir de uma perspectiva decolonial.

O escritor revela que o romance histórico pretendia derrubar uma lenda romântica reacionária de que o Iluminismo se abstinha de qualquer compreensão da história, de modo que apenas os adversários da Revolução Francesa gozavam dessa “razão histórica” (LUKÁCS, 1954, p. 34). Percebe-se que esse gênero surge da necessidade de relatar acontecimentos políticos voltados para o continente europeu, ausentes questões voltadas às sociedades pré-colombianas

ou qualquer tipo de intervenção estabelecida naquele continente. Assume-se que o propósito inicial estava vinculado apenas a uma visão que parte de uma proposta não decolonial, ainda não decidida, de não se preocupar com casos que não interessam aos seus precursores.

No entanto, o novo romance histórico surgido no século XX, como alternativa ao romance histórico, pode ser visto principalmente em *O Reino deste Mundo*, de Alejo Carpentier. É um subgênero literário em que a narrativa ficcional está relacionada a fatos históricos. Fernando Aínsa, escritor e crítico literário uruguaio, em artigo publicado na revista mexicana *Plural*, cita algumas características destacadas por ele que separam o novo romance histórico do romance histórico:

1 - O novo romance histórico caracteriza-se por uma releitura crítica da história;

2 - A releitura proposta por este romance desafia a legitimidade estabelecida pelas versões oficiais da história. Nesse sentido, a literatura visa suprir as deficiências da historiografia tradicional, conservadora e preconceituosa, dando voz a tudo o que foi negado, silenciado ou perseguido pela história;

3- A multiplicidade de perspectivas possíveis faz com que não haja uma verdade única do fato histórico. A ficção enfrenta diferentes versões que podem até ser contraditórias;

(Tradução nossa. AINSA *apud* ESTEVES, 1991, p. 29-30).

As características propostas por Aínsa revelam uma divergência entre o romance e o novo romance histórico, uma vez que esse subgênero visa fazer uma releitura crítica do passado, ou seja, abordar elementos que permitam desmistificar uma “verdade histórica” eurocêntrica, baseada em contos e crônicas de guerra dos nobres espanhóis e suas invasões às sociedades pré-colombianas, que por muito tempo foi retratada como uma “conquista” sem represálias ou confrontos pelos mexicas (indígenas da época).

Além disso, preenche o vazio deixado pela historiografia conservadora e patriarcal, provocada pela visão do homem branco conquistador, que narra com falso esplendor a dominação e demonização de muitos povos, contada apenas de um lado e reforçada em muitas perspectivas que perduram até hoje. Ao se opor a essa historiografia retrógrada, a literatura “dá voz” àqueles que foram negligenciados pela história, além de permitir outra versão dos acontecimentos contados a partir da perspectiva de quem estava do “outro lado” da narrativa. Ao trazer uma nova perspectiva historiográfica, esse subgênero literário permite diversas interpretações de tal feito, que podem concordar ou divergir entre si, como destacado no terceiro trecho da citação, reforçando, mais uma vez, que não se trata apenas de um fato histórico ou de uma verdade absoluta e indiscutível sobre o passado, mas sim uma pluralidade de perspectivas próprias de cada sociedade a partir do que soa “colusivo” à memória de seus povos.

Em sua publicação para a revista *América*, em seu artigo *A invenção literária e a reconstrução histórica*, o escritor fala sobre a vocação historicista da narrativa, ou seja, a interação do romance com a história e da história com a narração, afirmando seu conceito:

Nessa perspectiva, estudam-se os “elementos históricos” da narrativa, o “ambiente histórico” que atrasam, os inevitáveis “momentos históricos” com os quais toda ficção se contextualiza, “as marcas de historicidade” sobre as quais os “temas” são ou “questões históricas” em que se baseiam enredos e argumentos (...) (AÍNSA, 1997, p. 14).

Adiante, Aínsa aponta as características que distinguem e aproximam os discursos históricos do ficcional (AÍNSA, 1997, p. 14-18):

- 1) Intenção histórica e intenção literária;
- 2) Tratamento do material: documentos e outras fontes históricas.

Ou seja, para que uma obra seja considerada um novo romance histórico, segundo Aínsa, é importante que tenha as características que ele indica, para que não se baseie apenas na ficção (o que também é muito importante para entreter o leitor), mas também a responsabilidade de propor uma discussão sobre o conteúdo histórico a partir da trama. Muitos romances impedem a possibilidade de reescrever o passado histórico, outros recuperam o lado oculto, alguns apresentam o lado histórico oficialmente documentado de uma parte desconhecida.

O poder questionador do novo romance histórico é uma característica fundamental dessas obras. Esse poder questionador é criado a partir de diversos procedimentos e estratégias para reescrever o passado, tais como: anacronismo, verossimilhança, ironia e formas reflexivas sobre o caráter ficcional do texto e reconstrução do passado. A composição dos personagens é feita de acordo com dados e fatos históricos, mostrando ao leitor um sentido de vida e costumes da época, tudo isso para dar voz a sujeitos historicamente marginalizados, como é o caso de *Malinche*, obra que será apresentada no próximo tópico. Esquivel, em sua escrita, questiona a versão oficial dos acontecimentos históricos, principalmente a relação interracial entre Mallinali e Cortés, como recomenda AÍNSA (1997), trazer uma releitura crítica do passado, aquele que é pouco contestado ou quase nunca citado. Sabemos que por muito tempo a perspectiva de uma história contada sobre a conquista e invasão europeia foi trazida pelo colonizador, onde relatava suas vitórias, sem assumir traços de lutas ou represálias das sociedades colonizadas. Não foi diferente com a vida da personagem de Laura Esquivel, que obteve um repúdio nacional após a revolução mexicana, sendo colocada como culpada pelas atrocidades cometidas ao seu povo, mesmo estando em um lugar de mulher colonizada, como trataremos no tópico a seguir.

A figura de malinche na obra de esquivel: desmistificando as características históricas

Ao trazer um novo olhar sobre a história de Malinche, a obra de Laura Esquivel se propõe a refletir sobre o papel das mulheres indígenas colonizadas e subjugadas pelos europeus por meio de uma narrativa histórica, baseada em dados documentais e nas características do novo romance histórico. A autora dá “voz” para Malinalli, uma indígena nahua, usada por Cortez como tradutora e “mulher”, porque também teve relações sexuais com ela. Na obra de Esquivel, é possível olhar para o contexto histórico além da vida “amorosa” de Malinche e Cortés, que na verdade não passava de abuso e dominação pelo colonizador. Ao se deparar com uma nova perspectiva ao ler a obra, o leitor pode refletir sobre o que lhe foi dito por todos os séculos, até mesmo refletir sobre quem escreveu os livros que temos como clássicos. Quem são os vilões e os heróis? O que é ser um herói? Questões que podem ser respondidas com clareza com as abordagens do novo romance histórico.

A personagem suscita um debate bastante amplo sobre os abusos enfrentados pelos indígenas da época, principalmente as mulheres, pois além de terem sua cultura aniquilada e a obrigação de confessar a fé católica, eram subordinadas ao estupro, por isso essa violência foi não apenas cultural, mas também de gênero, colonizando não apenas a comunidade em que estavam inseridos, mas também seus corpos e sua “voz”, como podemos observar no trecho a seguir:

Era meados da primavera quando Malinalli foi batizada. Ela estava vestida toda de branco. Não havia outras cores em seu vestido, mas havia volumes em seu bordado. (Tradução nossa. ESQUIVEL, 2006, p. 51).

Na narrativa de Esquivel, um dos primeiros passos para a dominação dos povos indígenas da época era o batismo, que representa

um dos sete sacramentos e inicia o indivíduo na fé cristã, considerando-o como um “filho de Deus”. Tal ritual é considerado sagrado para que as almas sejam “salvas” de um ideal de pecado trazido pelo cristianismo. Malinalli é batizada com roupas brancas, cor raramente usada nos antigos rituais de sua crença. A personagem entende a cerimônia como algo especial, pois a associa ao ritual realizado por seu povo, o primeiro ao nascer e o segundo aos treze anos, um número significativo para os povos nativos (ESQUIVEL, 2006, p. 52) A escritora deixa claro, com muita cautela, a associação de Malinalli com os sacramentos que já lhe foram expostos durante sua experiência, explicando que ela não tinha “interesses” relacionados a tal ação.

Durante a cerimônia, o nome da protagonista foi alterado para um nome considerado mais “acessível” pelos espanhóis, e agora ela se chamará Marina.

Após a cerimônia, Malinalli aproximou-se de Aguillar, o frade, para lhe perguntar qual era o significado de Marina, nome que ele acabara de acrescentar. O frade respondeu que Marina era a que vinha do mar. (Tradução nossa. ESQUIVEL. 2006, p. 55).

Na obra, a romancista busca justificar a “passividade” de Malinalli com a crença de que os colonizadores eram deuses, trazendo à tona uma das características fundamentais do novo romance histórico, que é trazer uma releitura crítica da história. Por acaso, os espanhóis chegaram ao novo mundo dez anos depois de oito preságios que os astecas acreditavam que trariam a queda do império de Montezuma.

Durante a narrativa, fica clara a comparação de Malinalli entre as crenças estabelecidas pelos conquistadores e as de seu povo, pois acreditava que o verdadeiro “Deus” referido em seus sermões era o deus Quetzalcóatl, que já havia dado sinais de sua chegada. Essa coincidência de semelhanças foi um dos fatores que contribuíram

para a imposição religiosa dos espanhóis aos povos pré-colombianos (SOUSTELLE, 2003).

Posteriormente, Esquivel também fala sobre as características de Cortés, mas não de forma romantizada, a autora traz a visão de seu personagem de forma realista, uma perspectiva que vai além do romance, destaca fatos de um relacionamento abusivo, onde não há amor, apenas interesses, mesmo que sejam de ambos os lados. Desmistifica a proposta de uma imagem amigável que a historiografia conservadora trouxe aos conquistadores, principalmente a Hernán Cortés.

Ser cortês era ser delicado, respeitoso, e não considerava Hernán assim, muito menos entre os homens que o acompanhavam. (Tradução nossa. ESQUIVEL, 2006, p. 85).

A escritora também apresenta outro olhar sobre a relação entre Cortés e Malinalli, mostrando que a relação entre os dois era apenas de dominação e abuso, não havendo interesse amoroso entre os personagens, mas outra forma de conquista: a colonização do corpo. Ele não mantinha uma relação saudável com a indígena, sua intenção era usar o corpo dela, batizar em nome de sua religião e usá-la como ponte para a tradução da língua. Ao deixar claro os interesses do espanhol e a perspectiva da jovem, a autora se preocupa em desmistificar romances sobre eles, que muitas vezes são baseados em poucos fatos históricos.

Sabe-se que por muito tempo se buscou um “bode expiatório” para justificar as consequências que a invasão trouxe ao continente latino-americano. Era preciso uma imagem que carregasse essa culpa, então no início do século XIX, após a guerra da independência, em busca de uma identidade nacional, um mexicano de identidade não revelada escreveu a obra *Xicoténcatl*, que traz a figura de Malinche como um traidor de seu povo. Durante o século XIX, a narrativa da conquista, dos brancos que governavam o país, começa na contramão.

Uma das primeiras conquistas do país e de sua elite crioula, que tomou o poder no México, foi atacar a imagem de Malinche, pois é o oposto da sociedade que se formará ao longo do tempo: uma mulher indígena que tinha uma espécie de “voz” em um país onde governa uma elite de descendentes de espanhóis, ou seja, silenciar e distorcer a figura de Malinche foi uma estratégia política que perdura até os dias de hoje.

Conclusão

O novo romance histórico chega com a proposta de narrar os fatos e fazer o leitor refletir sobre a obra e trabalhar com outra perspectiva: a história que quase ninguém conta e que poucos conhecem. Desmistificar essas narrativas conservadoras é importante para que a sociedade saiba o que realmente aconteceu nos tempos da invasão europeia, nomeando o “sujeito” e desmascarando a romantização proposta por muitos romancistas sobre a violência sofrida pelas mulheres pré-colombianas. Os ideais trazidos pelos europeus ainda estão difundidos na sociedade, os estereótipos, o patriarcado, as diferenças entre as etnias, etc. Acima de tudo, o silenciamento das mulheres negras e indígenas, que depois de anos silenciaram suas vozes e seus corpos usurpados por novas formas de “conquista”. Apresentar outra visão da história é importante para que a sociedade conheça e reconheça os processos de dominação como fator fundamental nas relações exercidas pelo patriarcado.

Referências

AÍNSA, F. Invención literaria y “reconstrucción” histórica en la nueva narrativa latinoamericana. In: KOHUT, K. (Ed.). *La invención del pasado. La novela histórica en el marco de la posmodernidad*. Frankfurt; Madrid: Vervuert, 1997.

AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, México, v. 240, 1991.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. México: Suma de letras, 2006

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1955.

SOUSTELLE, Jacques. *La vida cotidiana de los aztecas en víspera de la conquista*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2003.